

Já foi a uma gafeira? Não? Então vá!¹

Rodrigo A. Magalhães*

Dedico esse texto a minha querida **Laura B. A. Fagundes**.

- (...) *meu desejo é movimento.*

(VALÉRY, 2005, p. 45)²

A dança de salão é uma das mais criativas e prazerosas expressões corporais capazes de emocionar quem participa e quem observa atentamente o desenho dos pés, belamente calçados, percorrerem o salão. Na contramão do tempo, em um jogo de etiqueta, de sedução e de elegância entre os pares, o cavalheiro e sua dama se transformam em puro movimento. Em outras palavras, eles se tornam a própria manifestação do desejo como vontade de vida e prazer, uma visita necessária a algum estágio não racional onde o ritmo é o suficiente para celebrar a razão da existência. Seja no romântico bolero, no eletrizante soltinho, no complexo tango etc., mas certamente é no samba de gafeira que a dança popular mostra sua face mais exuberante. E afinal de contas, você já foi a uma gafeira? Não? Então vá!

PASSO BÁSICO

Porém, antes de circular no universo da gafeira é interessante pensar um pouco na natureza da dança em si. Como ironiza Heine: “A dança é maldita (...) desde que a filha de Herodias dançou para o iníquo rei que mandou matar João para lhe agradar” (HEINE, p. 266-267). Mas para além dessa proibição, ela é uma das manifestações mais elementares da humanidade, é uma expressão estética e uma vontade de beleza. Em termos enigmáticos, o significado da dança só pode ser experimentado no ato de dançar. Como diz Paul Valéry, em *A alma e a dança*, ela é ponto crucial onde a liberdade de julgamento precisa se transformar em liberdade de movimento, caso contrário a vida cairia em absoluto tédio. Em um plano geral, a dança possibilita a experiência da alegria, da loucura, do sonho e do êxtase em forma ritmada. Na foi essa a descoberta

¹Versão publicada em www.dancadesalao.com.br

* Email: rodrigoamagalhaes@hotmail.com

² VALÉRY, Paul. *A alma e a dança e outros diálogos*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2005.

comum entre o candomblé, o sufismo islâmico, o budismo tibetano, o hinduísmo etc.? Certamente é o transe provocado pela dança o caminho mais curto para se chegar ao incomensurável.

Como diz João do Rio:

A dança foi sempre uma manifestação cultural. Não há danças novas; há lentas transformações de antigas atitudes de culto religioso. O bailado clássico das bailarinas do Scala e da Ópera tem uma série de passos do culto bramânico, o minueto é uma degenerescência da reverência sacerdotal, e o *cakewalk* e o maxixe³, danças delirantes, têm o seu nascedouro nas correrias de Dioniso e no pavor dos orixalás da África (RIO, 2008, p. 143)⁴.

O sentido da dança só pode ser definido por aproximação, para além de uma inteligência conceitual ela exige dos seus interlocutores o recurso da experimentação e da intuição. Tudo é uma dança em potencial: andar, correr, jogar, amar, lutar, etc. Quando os camponeses em sua lida entoam as canções de trabalho eles não estão produzindo dança? Talvez o divisor entre a dança e um movimento qualquer seja a consciência do ritmo inerente a cada ação... Bem, a discussão vai longe, mas vamos voltar ao mundo da gafieira.

GANCHO

Retomar um pouco da história da dança de salão no Brasil ajuda a entender a dimensão da gafieira. A partir da dança podemos compreender parte da cultura de um país, isso se aplica ao tango como elemento da identidade argentina e ao samba como componente da alma brasileira. Em termos gerais a milonga e a gafieira se correspondem como resultados de uma síntese musical e corporal: se o primeiro é a mistura da *habanera* cubana, do *candombe* africano e da *canzoneta* italiana, o segundo é resultado do batuque, do lundu, da valsa e da polca.

³ Dança carioca do final do século XIX anterior ao advento do samba.

⁴ RIO, João do. *A alma encantadora das ruas: crônicas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

Como diz o pesquisador Marco Antonio Perna⁵, oficialmente a dança de salão chega ao Brasil com a corte portuguesa em 1808, seu marco é o ano de 1811 com a chegada do professor de origem francesa Luiz Lacombe que se propõe a ensinar todas as danças “próprias da sociedade”⁶. No entanto, esse marco oficial não pode ser confundido com o início, afinal as danças de origem indígena e africana já percorriam o país e possivelmente grandes bailarinos populares já ensinavam na periferia dos centros urbanos passos e floreios.

Não há dúvidas que o samba praticado na gafieira ou no carnaval tem elementos civilizatórios que representam uma resposta estética para questões sociais próprios da história do Brasil: a desigualdade e a vontade de igualdade, a ordem e a desordem, a tristeza e a alegria etc. Talvez uma incursão antropológica na obra de Roberto Da Matta, *Carnavais, malandros e heróis*, ilumine algo sobre esse mundo cheio de paradoxos políticos e econômicos, mas certamente é na crônica de João do Rio: *O bebê da tarlatana rosa* que nos desperta para o espírito desses espaços de dança e nos deixa entrever a visão da elite segundo a qual o maxixe era lugar ordinário aonde as pessoas iam para se acanhar, depravar-se e fustigar os maus instintos.

O que vale no samba de gafieira não é a exclusividade do movimento retilíneo, mas a passo quebrado da cintura para baixo. A postura ereta da cintura para cima não se opõe a liberdade dos quadris, eis a grande descoberta pré-freudiana: de maneira espontânea a cultura popular manteve a unidade do que não pode ser separado - a civilização e a chamada barbárie, o Apolo e o Eros, a vida e o prazer, a lucidez e o delírio. Tudo isso está conjugado perfeitamente na gafieira, se o observador fizer um corte transversal em um baile de gafieira e, por um momento, olhar os dançarinos da cintura para cima e, por outro momento, olhar apenas a cintura para baixo vai encontrar algo fabuloso, um atalho para entender a inventividade brasileira.

CAMINHADA

O samba de gafieira surge no Rio de Janeiro no final do século XIX início do século XX. Herdeira do maxixe era visto pela “boa” sociedade como lugar ordinário, por isso, na busca de um reconhecimento social os frequentadores das gafieiras

⁵ 200 anos de dança de salão no Brasil - De lá pra cá. Programa da tv Brasil exibido em 04 de dezembro de 2011. Disponível: <http://www.youtube.com/watch?v=5OXpVSrqWWg> . Acesso: Setembro de 2014.

⁶ Idem.

estabeleceram regras de conduta para desfazer esses preconceitos contra a população crioula. Circular pelo baile nas antigas gafieiras exigia a observação de tais regras como lembra o samba *Estatuto da gafieira* de Billy Blanco. O *Estatuto da Estudantina* registrado por Isidro Page Fernandes nada mais é que as normas que já existiam como diz Felipe Berocan Veiga em *A dança das regras: a invenção dos estatutos e o lugar do respeito nas gafieiras cariocas*⁷.

BONECA

Outro ponto importante é pensar a relação de gênero na dança de salão. Seja na figura do *compadrito* no tango ou do malandro no samba de salão, o cavalheiro assume uma significado que esboça, além da condução, a proteção da dama. Como mostra o samba *Piston na gafieira* de Billy Blanco, o parceiro tem que está de prontidão para defender sua dançarina e sua honra. Bem, os tempos mudaram, mas com certeza esse elementos ainda se preservam de alguma maneira. Como diz, a importante dama e professora de dança de salão do Rio de Janeiro, Maria Antonietta: “É o homem que conduz, a mulher não pode tomar iniciativa. Infelizmente, ele quer mandar em tudo, até quando casa” (SALDANHA, 2010, p. 89)⁸. Seu discípulo, Jaime Arôxa, reitera:

No Rio a dança era muito dos homens. ‘Eu conduzo, ela vai’. Não havia espaço para a mulher criar, dançar, se expressar. A mulher era um pouco carregada pelo homem. Eu via a dança do subúrbio como masculina em excesso. Maria Antonietta trazia a suavidade e a leveza da mulher para a dança. Na prática, ela conduzia. Era difícil comandá-la dançando, porque tinha muita personalidade (SALDANHA, 2010, p. 24).

Por outro lado Arôxa fala que:

Minha ideia de o homem conduzir a mulher será eterna. Existem linhas de dança que ensinam que o homem não precisa mais conduzir. Não conheço nenhuma mulher no mundo que

⁷ ANTROPOLÍTICA, Niterói, n. 33, p. 51-71, 2 sem. 2012.

⁸ SALDANHA, Milton. *Maria Antonietta: a dama da gafieira*. São Paulo: Phorte, 2010.

não goste de ser conduzida na dança. É só assim que ela faz charme de verdade (SALDANHA, 2007, p. 134)⁹.

Em outro trecho ele lembra:

Eu conduzo ela faz. Eu apareço na condução por meio segundo, ela aparece por dois segundos no complemento daquele movimento. No corte daquele movimento, eu apareço novamente, devolvendo em seguida a cena para ela. Então sempre existe o jogo dos dois (SALDANHA, 2007, 131).

É claro que a questão é polêmica e cheia de controvérsias, mas como não tenho opinião formada me reduzo a refletir as opiniões acima.

ELÁSTICO

Toda essa reflexão anterior se estende até a história minha e da Laura no aprendizado da dança de salão com os professores Artur e Cris¹⁰. Uma das primeiras experiências que nos marcou foi uma milonga tradicional em Buenos Aires. Em um lugar não turístico vimos pessoas comuns chegarem para dançar, de forma simples e elegante, lá estavam elas rodopiando pelo salão ao som de belíssimos tangos. Uma das coisas interessantes é que cada dançarino levava nas mãos um par de sapatos especiais para dançar. Em um ritual trocavam os sapatos e como num toque final estavam prontos: os cavalheiros pra convidar e a dama para aceitar uma contradança. Não fomos iniciados no tango, mas existe uma série de fundamentos que permeiam o universo da dança de salão que observamos: o respeito ao sentido anti-horário, o diálogo entre os corpos dos casais a partir da boa condução do cavalheiro, a precisão rítmica dos pares, a expressão de cada movimento de acordo com a música – afinal, não basta saber o passo é importante dar vida a cada figura -, outro elemento fundamental para um bom desempenho são os sapatos, eles devem ser elegantes, confortáveis e seguros, pois são os pés os protagonistas no salão.

⁹ Saldanha, Milton. As 3 vidas de Jaime Arioxa - a luta de um vencedor. Rio de Janeiro: editora Senac Rio, 2007.

¹⁰ Professor da academia Dance.com: <http://www.academiadance.com.br/>

De volta a Brasília, demos continuidade às aulas que já tínhamos tomado. Nossa estreia no samba de dois foi em um boteco em Goiás Velho chamado *Morro do macaco molhado* - com um público reduzido ensaiamos alguns passos de gafieira. Em duas ou três músicas rompemos a primeira barreira, sim já estávamos prontos para enfrentar os salões, não importava o quão pouco soubéssemos. Em Brasília fomos logo a procura de lugares que tivessem algum espaço, fomos ao *Clube do choro de Brasília*, a *Nova Gafieira do Bar do Ferreira*, ao *samba do trabalhador no Círculo operário do Cruzeiro...* Onde houvesse a possibilidade de dançar lá estávamos nós. O problema maior é que esses lugares são reduzidos e nem sempre há espaço adequado para se ensaiar um bailado no salão.

A nossa curiosidade foi tanta que fomos ao Rio de Janeiro respirar um pouco os ares da gafieira. A primeira noite foi no *Rio scenarium* onde fomos dançar ao som do *Sururu na roda* com Nilze Carvalho e tivemos a sorte de conhecer o ex-aluno da Maria Antonietta, o dançarino Pelé - um senhor de 65 anos que ao ver a Laura com seus sapatos de dançarina de salão, logo a convidou pra dançar. Fizemos um trio, ora o mestre Pelé conduzia, ora eu, na minha incipiência, conduzia a minha dama. Como disse Laura: - *a condução dele não é acrobática, mas é muito exibida*. Foi uma festa, apesar do *Scenarium* não ser um ambiente popular, tivemos a oportunidade de sacar um pouco da história da gafieira na figura do dançarino Pelé com seu terno branco e sapato bicolor e com seu cavalheirismo que de forma silenciosa nos faz pensar no descuido com certas regras da gafieira... Como não poderia deixar de ser fomos nos recuperar da noite de boemia carioca tomando um bom café da manhã na *Confeitaria Colombo*

A segunda noite passamos na Lapa, no *Gema Carioca*, ao som de Teresa Cristina e o grupo Semente, dançamos num salão apertado, mas deu pra ensaiar uns *passos básicos, uns ganchos, uns puladinhos, uns meio peões, umas escovas...* Na Lapa sambei mais do que sabia, com certeza encostou em mim a entidade do Zé Pelintra com sua malandragem, assim com categoria pude acompanhar minha habilidosa dama... Dessa vez fomos curar a boemia lá em Santa Teresa no *Bar do Mineiro* com uma feijoada tradicionalíssima... É vida de boêmio não é fácil.

Na terceira noite "*O galo cantou/ às quatro horas da manhã...*". Nada como madrugar noite adentro na *Estudantina Musical* - a universidade da dança -, um salão verdadeiramente popular onde claramente as regras da gafieira estão preservadas:

espaço de dança estava muito bem delimitado rodeado de mesas, no palco a pequena orquestra embalava os casais que dançavam bolero, soltinho e samba. Na parede inúmeras fotografias, recortes de jornais e o famoso Estatuto da gafeira que marca uma época de ouro que não existe mais. Eu e Laura ficamos muito felizes em dançar no lugar frequentado por pessoas comuns a procura do simples prazer de dançar. De quebra, minha dama dançou com um senhor performático de codinome kiko, um malandríssimo que nos disse que acabou de fazer uma apresentação de *singin in the rain*, até acho que nos olhos de Laura refletiu um saudosismo de um tempo que ela não viveu - um *remaker* carioca de *Paris a meia noite* de Wood Allen. De alguma maneira a decadência do centro do Rio de Janeiro é inspiradora, a Praça Tiradentes com seus casarões assombrosos e as ruas do Centro nos remete para alguma viagem no tempo.

A saideira da boemia foi na *Gafeira Elite*, na Praça da Republica, na *Domingueira da Paulinha*. Logo na entrada tivemos um feliz encontro com o pesquisador de gafeira Marco Antonio Perna autor do livro *Samba de gafeira – a história da dança de salão brasileira*. Como não poderia deixar de ser, dançamos e prestigiamos a alta rotação do salão cheio de frequentadores. Nossa breve incursão no universo da gafeira foi muito feliz e agora estava completa... Como despedida fomos nos embalar nas águas da Baía de Guanabara em direção a ilha de Paquetá, quem sabe ter a sorte de sambar num boteco ao som de *preta a porte de tafetá* de João Bosco... Assim, com a memória cheia de história já estamos prontos para voltar para casa e continuar nosso aprendizado nesse novo estilo de vida que é a dança.

Rio de Janeiro – Brazlândia-DF, outubro de 2014.